

UM COPO PARA MUITAS GARRAFAS

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE UM CONJUNTO DE VIDROS MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS ENCONTRADOS NA PRAIA DA ALBURRICA (BARREIRO)

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS SOBRE O LOCAL DO ACHADO

Situada numa pequena península entre a foz da ribeira de Coina e o rio Tejo, a praia da Alburrica integra uma série de pequenas enseadas onde, aproveitando as espessas camadas de argilas de aluvião locais e protegidas por recife formado por ostras, foram construídas marinhas de sal ainda em Época Romana.

Durante a Antiguidade Tardia esta produção terá diminuído, sendo retomada no século XIV, quando voltou a

ser essencial para a conservação de alimentos no âmbito do comércio marítimo.

Em meados do século XVI, estas marinhas foram transformadas em caldeiras para de moinhos de maré, aproveitando uma vez mais as argilas locais, reforçadas com inúmeros fragmentos cerâmicos arrastados pelas marés, provenientes de descartes ou naufrágios.

Nas últimas décadas, a ondulação provocada pela pas-

sagem frequente dos catamarãs levou à erosão do recife de ostras ali existente e à formação de uma extensa duna sobre a costa, dando origem à praia. O desaparecimento do recife expôs igualmente à erosão as areias e argilas que ao longo dos séculos se acumularam na foz da ribeira de Coina, trazendo para o areal inúmeros fragmentos cerâmicos e líticos de várias cronologias.



A. Vista geral da área da Praia da Alburrica, vendo-se as caldeiras dos antigos moinhos de maré e as dunas que se têm formado em seu redor. Imagem Google Earth. B. Vista geral das ondas provocadas pela passagem regular dos catamarãs na zona da Praia da Alburrica. C. Vista geral da margem do rio na zona da Praia da Alburrica, vendo-se variado espólio disperso. D/E. Vistas gerais da acumulação de cascas de ostras na zona da Praia da Alburrica. Fotos António González.



OS VIDROS RECOLHIDOS NA PRAIA DA ALBURRICA

Trata-se de fundos e gargalos de garrafas, em vidro verde-escuro, quase negro (14 no total), e de uma outra garrafa em vidro incolor, além de um fundo, muito espesso, de copo facetado, também em vidro incolor.

Com formato cilíndrico, sobre um fundo reentrante, algo destacado e com marca do pontel, estas garrafas mostram um gargalo alto e estreito que termina com um bordo liso sobre o qual foi aplicada uma *marisa*. Uma das garrafas é quadrangular, tendo sido produzida com recurso a um molde auxiliar.

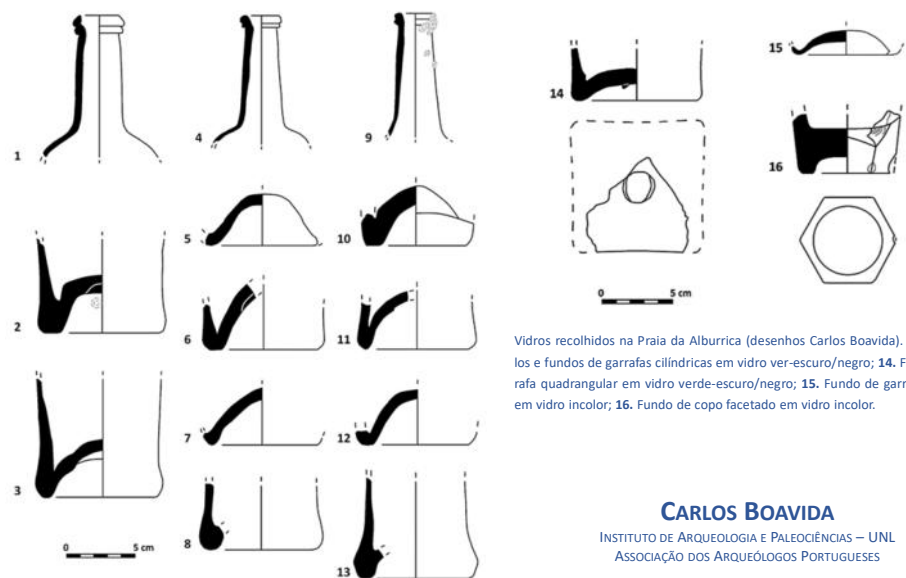
Ambos os tipos de garrafas eram usados para o consumo e transporte de bebidas alcoólicas, nomeadamente vinho e licores.

Este tipo de garrafas começou a ser produzido na Inglaterra no início do século XVIII, substituindo gradualmente as garrafas de tipo cebola criadas em meados da centúria anterior.

As primeiras produções portuguesas destes tipos de garrafas ocorreram logo no início do século XVIII, primeiro na Real Fábrica de Vidros de Coina, sendo esse

fabrico assegurado depois na Marinha Grande e mais tarde também por várias manufacturas até finais do século XIX, inícios do século XX. A sua presença é frequente em contextos arqueológicos portugueses, incluindo o local da antiga Real Fábrica de Vidros de Coina.

Nas duas peças transparentes foi empregue vidro de boa qualidade, sem quaisquer bolhas de ar ou inclusões. Sendo uma peça facetada, o copo foi obviamente soprado em molde auxiliar.



Vidros recolhidos na Praia da Alburrica (desenhos Carlos Boavida). 1-13. Gargalos e fundos de garrafas cilíndricas em vidro verde-escuro/negro; 14. Fundo de garrafa quadrangular em vidro verde-escuro/negro; 15. Fundo de garrafa cilíndrica em vidro incolor; 16. Fundo de copo facetado em vidro incolor.

CARLOS BOAVIDA
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E PALEOCIÊNCIAS — UNL
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ANTÓNIO GONZÁLEZ
ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA
MOITA E BARREIRO

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Se considerarmos a provável origem portuguesa destes exemplares, o facto de terem sido recolhidos na foz na ribeira de Coina poderá eventualmente indicar que terão sido produzidas na Real Fábrica de Vidros de Coina, cuja laboração teve lugar entre 1719-1747, apontando a sua cronologia para a primeira metade do século XVIII. Se eventualmente resultarem de trocas comerciais com outros países, não podemos ignorar que estas garrafas eram utilizadas na Inglaterra, assim como em outros países europeus, desde meados da centúria anterior. Certo é que estas garrafas foram produzidas e consumidas até aos inícios do século XX.

Fica, no entanto, em aberto, se estas peças vieram parar a este local em resultado do seu descarte, por se terem partido durante o seu transporte, ou se terão sido para aqui arrastadas pelas correntes na sequência de algum naufrágio.